



CONCEPÇÕES DE LUGAR EM FOTOGRAFIAS DE LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL ¹

Marieli Maria Pauli ²

RESUMO

Esse artigo é parte de uma pesquisa de mestrado em Geografia em andamento na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e tem por objetivo discutir a participação das fotografias presentes nos livros didáticos de Geografia dos anos iniciais do Ensino Fundamental na construção de concepções de lugar. Busca-se, também, analisar a constituição de imaginações geográficas das crianças acerca dos lugares apresentados pelas fotografias, tendo em vista que o conceito de lugar é um dos principais conceitos na educação geográfica escolar, sobretudo nessa primeira etapa. Para tanto, analisamos fotografias presentes no livro didático de Geografia do 1º ano de uma das coleções de livros didáticos aprovados no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2019 e que está sendo utilizada nas escolas municipais de Dourados-MS. Para este texto, selecionamos três conjuntos de fotografias que apresentam exemplos de lugares de vivência dos estudantes: a moradia, a rua e a praça, e que aparecem em uma unidade do livro que tem por objetivo desenvolver o conceito de lugar. Observamos que, o entendimento do lugar a partir dessas fotografias, que aparecem como uma forma de ilustrar o tema, pode ficar limitado ao seu caráter físico, enquanto um ponto a ser localizado no mapa, evidenciando a necessidade de realizar discussões com e sobre essas fotografias presentes no contexto escolar por meio dos livros didáticos.

Palavras-chave: Fotografias, Livros Didáticos, Conceito de lugar, Anos Iniciais.

ABSTRACT

This article is part of an ongoing master's research in Geography at the Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) and aims to discuss the participation of the photographs present in the textbooks of Geography of the early years of Elementary School in the construction of conceptions of place. It is also sought to analyze the constitution of geographic imaginations of children about the places presented by the photographs, considering that the concept of place is one of the main concepts in school geographical education, especially in this first stage. For this, we analyzed photographs present in the 1st year Geography textbook of one of the collections of textbooks approved in the National Didactic Book Program (PNLD) 2019 and that is being used in the municipal schools of Dourados-MS. For this text, we selected three sets of photographs that present examples of places where students live: the house, the street and the square, and that appear in a book unit that aims to develop the concept of place. We observe that, the understanding of the

¹ Este trabalho apresenta parte de uma pesquisa em nível de mestrado em andamento sob a orientação da Profa. Dra. Flaviana Gasparotti Nunes. Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de demanda social que possibilitou a realização deste estudo.

² Mestranda do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados- UFGD, marielimaria.ps@gmail.com.



place from these photographs, which appear as a way to illustrate the theme, may be limited to its physical character, while a point to be located on the map, highlighting the need to hold discussions with and about these photographs present in the school context through textbooks.

Keywords: Photographs, Textbooks, Concept of place, Early Years.

INTRODUÇÃO

O nosso cotidiano tem sido, cada vez mais, tomado por múltiplas informações que são propagadas por diversos meios e que chegam para nós principalmente por meio de imagens. Mais do que informações ou ilustrações aleatórias que estão espalhadas em diversos meios nos quais circulam essas informações, as imagens representam uma parte importante dos saberes sobre o mundo em que vivemos. Conforme apontado por Massey (2017, p. 37), “muito da nossa ‘geografia’ está na mente. Ou seja, nós carregamos conosco imagens mentais do mundo, do país em que vivemos [...], da rua ao lado”.

Podemos registrar o mundo em nossa mente a partir daquilo que vemos nos lugares, estando fisicamente presente neles ou apenas por meio das imagens de lugares produzidas e reproduzidas por outra pessoa ou grupo social e visualizadas em diversos meios de comunicação: escritos (impressos ou virtuais), audiovisuais, mídias sociais etc.

De modo complementar, Oliveira Júnior (2019) contribui para essas reflexões ao discutir sobre as imagens constituídas em torno dos lugares do mundo evidenciando como elas influenciam nosso modo de conhecê-los. O autor argumenta que “os lugares geográficos são, eles próprios, produtos narrativos, que se constituem tanto daquilo que se manifesta física e socialmente neles quanto dos discursos e falas que se dobram sobre eles” (OLIVEIRA JÚNIOR, 2019, p.10).

De modo geral, o nosso cotidiano é atravessado por diversas imagens, como as fotografias. De acordo com Hollman (2020), as fotografias marcam nossas práticas, relações, experiências e aprendizagens sobre e com o mundo. Isso ocorre devido aos avanços na produção e reprodução das fotografias, proporcionados, sobretudo nos últimos dez anos pela instantaneidade. Tais avanços possibilitaram que, esses processos, desde a obtenção fotográfica e visualização à alteração, envio e exclusão da fotografia obtida, ficassem mais acessíveis a um quantitativo maior de pessoas, sobretudo por meio de câmeras fotográficas disponíveis em celulares. A fotografia torna-se assim, um modo usual pelo qual registramos muito, se não tudo, o que acontece em nossa vida: situações, fatos, lugares etc.



Dessa forma, as fotografias também marcam presença no ambiente escolar, especialmente por meio dos livros didáticos, nos quais, em grande parte, aparecem com destaque em relação a outros tipos de imagens. Portanto, na educação geográfica, as fotografias são importantes potencializadoras de informações e conhecimentos que podem participar da nossa leitura e concepção de mundo (OLIVEIRA JÚNIOR, 2019).

Nesse contexto, este artigo tem por objetivo discutir sobre o modo como se dá a participação das fotografias presentes nos livros didáticos de Geografia dos anos iniciais do Ensino Fundamental na construção de determinadas concepções de lugar, bem como, da constituição das imaginações das crianças acerca dos lugares apresentados pelas fotografias, tendo em vista que, dentre outros, o conceito de lugar é um dos conceitos centrais na geografia escolar, sobretudo nessa primeira etapa. Para tanto, analisamos fotografias presentes em um livro didático de Geografia de uma das coleções aprovadas no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2019 e que está sendo utilizada nas escolas municipais de Dourados-MS.

EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: APROXIMAÇÕES ENTRE O CONCEITO DE LUGAR E FOTOGRAFIAS EM LIVROS DIDÁTICOS

A educação geográfica precisa ser desenvolvida de modo que conhecimentos proporcionados contribuam para a formação de sujeitos capazes de pensar e compreender os lugares e o mundo em que vivem. A geografia escolar tem como objeto de estudos o espaço e todas as relações que ocorrem nele, que o formam e transformam nos diferentes tempos e sociedades. Por meio do seu estudo, é possível conhecer e compreender o mundo em que vivemos, considerando os fenômenos próximos e distantes, que podem estar presentes em nossa vida, direta ou indiretamente (CALLAI; CAVALCANTI; CASTELLAR, 2012).

Nesse contexto, o conceito de lugar é muito importante na educação geográfica escolar dos estudantes, sobretudo nos anos iniciais que inauguram, de forma mais sistematizada, os estudos geográficos a partir dos lugares mais próximos aos estudantes e aos poucos ampliam para outros lugares, mais distantes. Dessa forma, o livro didático de Geografia analisado nesta pesquisa, aponta que o estudo do lugar inicia a partir dos lugares de vivência dos estudantes e destacam a moradia, a rua, a escola, o bairro, para representar esses lugares.



Ressaltamos que as concepções de lugar que orientam esse trabalho estão fundamentadas nas ideias de Massey (2008; 2017). Para a autora, mais do que um ponto a ser localizado na superfície, o lugar é constituído por simultaneidade de estórias-até- agora, por múltiplas trajetórias, encontros e não encontros coetâneos, e assim como o espaço, está sempre em construção e aberto a novas possibilidades, novas trajetórias, encontros e conexões. Dessa forma, a autora propõe que pensemos nos lugares como: “lugares de encontro de diferentes pessoas, diferentes grupos, diferentes etnias. Em termos humanos, eles são o emaranhamento, a reunião de diferentes histórias, muitas delas sem qualquer ligação anterior com as outras” (MASSEY, 2017, p. 39).

Assim, considerando a importância do conceito de lugar na educação geográfica escolar e a participação das fotografias, expressivamente presentes em livros didáticos de Geografia, não apenas na construção desse conceito como também na construção de conhecimentos e imaginações geográficas sobre os lugares pelos estudantes, é necessário compreendermos de que modo se dá a presença de fotografias nesses materiais. De forma geral, essa presença costuma ser associada e limitada a habilidades como: ilustrar, informar e confirmar o conteúdo/tema que está sendo abordado.

Conforme é evidenciado por Desidério (2018), as fotografias são inseridas nos livros didáticos e aprisionadas ao objetivo de ilustrar, comunicar/informar e representar, com a intenção de nos fazer apreender e carregar em nossa mente, o mundo e os lugares exatamente do modo como elas nos mostram, ainda que, muitas vezes, a produção dessas fotografias não considere as heterogeneidades que diferenciam os lugares e as multiplicidades de trajetórias e estórias dos lugares. E desse modo, acabam criando ou reproduzindo certos estereótipos ou concepções sobre os lugares que visam representar por meio das fotografias.

De acordo com Oliveira Junior e Girardi (2011), o caráter de testemunho da realidade das fotografias é o motivo pelo qual elas se destacam nos livros didáticos, em relação a outras imagens. Por sua capacidade de provar visualmente a existência do que elas estão mostrando, sejam lugares ou fenômenos, e dessa forma, esses materiais “nos educam para ver as fotos como provas visuais, evidências críveis em si mesmas” (p. 5). Para os autores, os livros e também outros materiais didáticos, contribuem para a afirmação das fotografias como provas reais da existência do que elas representam.

De modo complementar, Oliveira Júnior e Soares (2012), discutem sobre o caráter documental dessas fotografias nos livros didáticos de Geografia que “nos aparecem como



evidências daquilo que nos trazem à vista” e destacam a sua influência no modo como olhamos para essas fotografias. Nas palavras dos autores, é olhar “de mero relance, apenas para saber o que há [...] no lugar indicado na legenda ou como prova de algum assunto que está sendo apresentado no texto escrito do livro” (p. 114).

Entretanto, é necessário afirmar que, para além do seu caráter documental, ilustrativo e representativo aos quais estão submetidas nos materiais didáticos, o trabalho com as fotografias pode revelar outras potencialidades e nos permitir pensar o mundo e todas as relações que nele ocorrem, de outras formas e/ou ampliar os conhecimentos e pensamentos já constituídos.

Para Massey (2017), as imagens em nossa mente constituem as nossas imaginações geográficas, ou seja, moldam o modo como vemos e pensamos sobre e no mundo. Assim, questionar tais imaginações e as imagens que as constroem é fundamental para a nossa educação geográfica.

Se nossas imaginações e o nosso pensar geograficamente não estão considerando as heterogeneidades, a existência de outras pessoas (e lugares) com suas próprias (e diferentes) narrativas e trajetórias que coexistem simultaneamente no espaço e nos lugares, então, esse pensamento não está sendo honesto com o mundo como ele de fato é, e daí a importância de questionarmos essas imaginações, questionarmos essas fotografias presentes nos livros didáticos que participam de tal constituição.

Nesse sentido, acreditamos que o trabalho com as fotografias, a partir de problematizações, questionamentos e outros exercícios, podem tirá-las da fixidez à qual foram submetidas nos livros didáticos e possibilitar aos estudantes outros olhares, leituras, pensamentos e imaginações geográficas sobre os lugares em que vivem e outros, considerando também as vidas e as gentes que fazem e refazem esses lugares. Em suma, possibilitar outras geografias que vão além dos conhecimentos hegemônicos que já estão estabelecidos.

Sendo assim, no próximo tópico apresentamos as fotografias identificadas no livro analisado, bem como as análises realizadas sobre elas indicando a contextualização da inserção de cada uma no livro e a possibilidade de ampliar as discussões sobre o lugar a partir delas.



LUGARES DE VIDA NAS FOTOGRAFIAS ANALISADAS: ENTRE SENTIDOS FIXOS E OUTRAS POSSIBILIDADES

Neste texto, apresentaremos algumas análises a partir do livro de Geografia para o 1º ano do Ensino Fundamental da coleção Ápis (editora Ática) aprovada no PNLD de 2019.

Observamos que, de um modo geral, o livro traz diversas fotografias e, em relação ao conceito de lugar, há um destaque para os lugares de vivência, apresentando como exemplos desses lugares a moradia, a rua, a praça e a escola. Para este trabalho, selecionamos três conjuntos de fotografias que apresentam: a moradia, a rua e a praça, como exemplos de lugares de vivências do cotidiano das pessoas. Essas fotografias foram selecionadas para análise porque aparecem em uma unidade do livro que tem por objetivo trabalhar o conceito de lugar.

O primeiro conjunto analisado, apresenta fotografias de diferentes tipos de moradias que existem no Brasil. As fotografias mostram diferentes tipos de moradias e a autora do livro destaca que foram construídas com diferentes materiais. Podemos ver casas de madeira, de alvenaria, sobrado, edifícios de apartamentos e palafitas. É possível observar que as fotografias mostram moradias em diferentes ambientes: área rural, área alagada, área urbana; desde grande centro urbano a bairros, aparentemente, menos movimentados; e localizadas em diferentes regiões do país, contemplando quatro delas.

Figura 1- Diferentes tipos de moradia no Brasil.



Fonte: SIMIELLI, 2017.

Entretanto, apesar da diversidade de moradias apresentadas, um aspecto que nos chama atenção, é que, em meio a tantos tipos diferentes de moradia, não há fotografia de



moradia em aldeia indígena ou em comunidades periféricas, por exemplo. Assim, pessoas que vivem nesses lugares, não se sentem representadas no material.

Além disso, conforme podemos observar, o foco dessas fotografias está em mostrar as moradias simplesmente como objetos para habitar. O que vemos são apenas as construções; a ausência total de pessoas e animais evidencia que essas fotografias foram colocadas ali com o objetivo único de ilustrar o tema moradia fazendo com que o sentido de lugar fique restrito ao seu caráter físico. Tais aspectos nos fazem refletir sobre o que os torna lugares, e especificamente, lugares de vivência. Seria apenas o fato de serem objetos de moradia socialmente aceitos? E as vidas que por ali circulam e fazem dele um lugar?

Discussões em torno dessas fotografias, evidenciando as possíveis relações sociais em torno desse lugar, podem movimentá-las e possibilitar outros sentidos e imaginações para esses lugares. Quem faz ser esse um lugar? Quais as trajetórias e quantos encontros e desencontros ocorrem nesse lugar? Quem habita esses lugares? O que fazemos nesses lugares além de habitar? No momento da produção da fotografia, onde estavam os humanos e/ou não-humanos que vivem ali? Apenas esses tipos de casas e apartamentos podem ser lugares de morar?

No segundo conjunto de fotografias analisado a rua, um lugar público, é abordada como um lugar de vida das pessoas e mostra diferentes tipos de ruas durante o dia em algumas cidades do Brasil.

Figura 2- Diferentes tipos de rua durante o dia.



Fonte: SIMIELLI, 2017.

A partir da problematização dessas fotografias, é possível discutir sobre a rua enquanto um lugar de vivência das pessoas e ampliar a ideia de rua que aqui está limitada



a um local que serve para transitar e incluir nas discussões os diferentes usos das ruas feitos pelas pessoas, seja para moradia, trabalho, lazer, manifestações, por exemplo, e ressaltar que as pessoas podem atribuir significados diferentes para a rua, a depender do uso que fazem dela, para além do transitar.

Podemos levantar questionamentos para discutir: Que lugar é esse para a diversidade de pessoas que circulam por ali? E para os que permanecem ali por mais tempo? Para muitos é apenas um lugar para circular, mas, para outras pode representar mais, é um lugar de trabalho, de descanso, de caminhada, de moradia ou até mesmo de brincar. Que significados podem ser atribuídos à rua por diferentes pessoas a partir dos diferentes usos dela? Os estudantes vivenciam as ruas e que significados atribuem a elas?

Um outro aspecto que nos chama atenção e que, é igualmente importante inserir nas discussões, é que as fotografias apresentam apenas exemplos convencionais de rua e podem induzir ao entendimento de que existem ruas em todos os lugares e que elas são sempre assim. É necessário atentar para as situações em que, nos lugares de vivência das pessoas não existem ruas ou ao menos, não são ruas com as características definidas pelo livro, como por exemplo, em comunidades no campo, ribeirinhas e indígenas em aldeias.

O livro não apresenta fotografias de caminhos formados por água em rios, caminhos nas florestas, e as estradas rurais não pavimentadas, por exemplo, que podem contemplar essas comunidades mencionadas.

Por fim, analisamos a fotografia que apresenta uma praça central na cidade de Campo Belo em Minas Gerais. A praça aparece como mais um exemplo de lugar de vivência das pessoas.

Figura 3- Praça pública central em um lugar de Minas Gerais.



Fonte: SIMIELLI, 2017.



A praça é um exemplo de espaço público que existe em muitas cidades e, via de regra, apenas em áreas urbanas, fazendo com que, não necessariamente sejam frequentadas por toda a sua população, portanto, não podemos afirmar que é um lugar de vida de todos os estudantes.

A praça pode ser um lugar de encontro de diferentes pessoas. É um lugar pelo qual muitas pessoas transitam e também se permitem fazer uma parada, para diversas atividades: lazer, trabalho, estudos. Na fotografia, podemos ver muitas coisas que compõem esse lugar: casas, muitos edifícios, veículos, árvores, o aparente encontro do morro e do céu e suas belas nuvens. E há também uma igreja muito bonita, que aparentemente é histórica e que, portanto, pode ser uma parte muito importante da história deste lugar.

A partir desses elementos observados, mais uma vez, percebemos que o sentido de lugar fica restrito à sua condição física que é passível de localização. Nessa fotografia, assim como na anterior, o recorte do lugar escolhido para apresentar é composto por elementos naturais e culturais (da paisagem), nos quais a participação do social pode ser pensada apenas de uma forma indireta, se observarmos as alterações da paisagem e edificações. A captura da fotografia, ocorreu em um momento em que não havia a presença de pessoas na praça. Essa foi uma escolha de quem produziu a fotografia (fotógrafo) e também de quem a utilizou nesse material (editora), com intenções e interesses específicos, que não sabemos.

O que podemos ver nessa fotografia, é que há um destaque para construções como a igreja, os prédios e a calçada e, em contrapartida, não há pessoas nela. As pessoas que costumam estar nesses lugares não estão na fotografia, como se a praça fosse um lugar apenas físico e dissociado da sua condição social. Quer dizer, qual é o sentido de existência de uma praça, se não o social, o encontro de pessoas?

Dessa forma, as fotografias evidenciam concepções de lugar em que o físico se sobrepõe ao social, pois por meio delas é possível entender que, embora o social seja importante nesses lugares, a ausência de pessoas ali, não impede que ele ainda seja reconhecido como um lugar. O entendimento de lugar a partir da observação dessas fotografias, é a de lugar como espaço físico e passível de localização no espaço geográfico e nos mapas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A rápida produção e circulação de fotografias em massa em diversos meios, sobretudo em meios digitais e redes sociais, promove uma profusão de fotografias que são esteticamente padronizadas apresentando os mesmos elementos para trabalhar as temáticas, como é o caso dos lugares de vivência e moldando o modo como vemos as fotografias e, com isso, os lugares. Justo por isso, a necessidade de olhá-las com mais atenção, questionar e dialogar com e sobre elas e sobre o que elas mostram no sentido de perceber o que mais elas podem possibilitar, além dos seus objetivos imediatos de mostrar, comunicar, ilustrar.

Ao observar as fotografias de lugares de vivência no livro didático analisado, foi possível constatar que, o lugar, de maneira geral, está limitado ao seu caráter físico, enquanto um ponto a ser localizado no mapa. A discussão sobre os lugares de vivência, em particular, se restringe a determinados locais de referência: a casa, a rua, a escola, o bairro e a praça. E as fotografias que comparecem no material apresentando esses lugares estão sendo utilizadas apenas como ilustração para esses exemplos de lugar de vivência.

Observamos ainda que, as fotografias e as discussões sobre o tema, destacam o caráter físico desses lugares, o que pode contribuir para criar certas concepções de lugares em que as características físicas sejam compreendidas como os únicos determinantes para que sejam considerados lugares, desconsiderando assim, as relações sociais e as vivências que ocorrem ali e que são fundamentais para a construção dos lugares.

Dessa forma, ao discutir essas questões com os estudantes é importante considerar que esses são apenas alguns exemplos convencionais de lugares de vivência e que, possivelmente existem outros, diferentes dos mencionados pelo livro didático. Pois estes são conhecimentos acerca dos lugares de vida e do próprio conceito de lugar, que são produzidos e partilhados pelas editoras que produzem os livros didáticos e que escolhem em bancos de imagens quais fotografias serão inseridas nesses livros. E é dessa forma que as editoras e as fotografias por elas escolhidas, participam da nossa educação geográfica e da constituição das nossas imaginações acerca dos lugares (OLIVEIRA JÚNIOR, 2019).

Então, é importante entender que, a concepção de lugar proposta pelo livro didático e expressa também nas fotografias pode ser ampliada, pois, o lugar é isso que ele traz sim, mas não é apenas isso. A moradia não é apenas o habitar; a escola não é apenas a sala de



aula e o aprender; a rua não é apenas o transitar etc. Existem múltiplas e diversas experiências relacionadas a esses lugares e a outros tantos lugares de vida, que não estão sendo contemplados pelos livros didáticos, mas que podem ser contemplados nas práticas escolares e nas discussões sobre os lugares.

O sentido de lugar pode ser diferente entre as pessoas ou grupos sociais, pois cada um tem suas próprias vivências, cultura, modo de ser e viver e pode experienciar os lugares e situações de modo particular e muito diferente de outra pessoa. O que é compreendido e considerado como lugar de vida por um indivíduo ou grupo, pode não ser para o outro.

Os lugares de vida, não necessariamente são ou se limitam aos lugares em que habitam (moradia) ou estudam (escola), por exemplo. Pensando nessas multiplicidades socioespaciais, é fundamental refletir sobre o que diferentes crianças consideram como seus lugares de vida, como por exemplo, lugar de vida de crianças indígenas e quilombolas; crianças camponesas e urbanas; crianças privadas de liberdade ou em situação de vulnerabilidade etc.

Assim, acreditamos que ao trabalhar com o conceito de lugar é possível ampliar essa concepção e que, as fotografias presentes nos livros didáticos e em outros meios, podem e precisam participar desse movimento de ampliação para que elas não permaneçam estáticas, presas à determinadas habilidades e restringindo os pensamentos e as imaginações dos estudantes.

Para tanto, é importante problematizar as fotografias utilizadas na educação geográfica possibilitando outros olhares, leituras e interpretações dessas fotografias e também imaginações e pensamentos sobre os lugares e o mundo, considerando as múltiplas trajetórias que nele coexistem desde o lugar em que vivem a tantos outros ainda desconhecidos.

REFERÊNCIAS

CALLAI, H. C.; CAVALCANTI, L. S.; CASTELLAR, S. M. V. O estudo do lugar nos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista Terra Livre**, São Paulo, ano 28, v. 1, n. 38, 2012.

DESIDÉRIO, R. T. Composições de fotoáfricas: experimentações na educação geográfica **Giramundo**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 7-18, jul./dez. 2018.



HOLLMAN, V. Entre imposibilidades y deseos: la fotografía, un dispositivo para aprehender e imaginar lo espacial. **Punto Sur**, v. 2, p. 48-63, 2020.

MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Tradução: Hilda Pareto Maciel; Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____. **A mente geográfica**. Revista: GEOgraphia, v.19, n. 40, 2017: mai/agos. Tradução: Ana Angelita da Rocha e Maria Lucia de Oliveira. Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2017.

OLIVEIRA JR., W. M.; GIRARDI, G. Diferentes linguagens no ensino de Geografia. In: **Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia, XI**, 2011. Goiânia. Anais... Goiânia, 2011, p. 1-9.

OLIVEIRA JR., W. M.; SOARES, E. S. Fotografias didáticas e Geografia escolar entre evidências e fabulações. **Revista PerCursos**, Florianópolis, v. 13, n. 02, p. 114-133, jul./dez. 2012.

OLIVEIRA JR., W. M. Fotografias, geografias e escola. **Revista: Signos Geográficos**, v. 1, Goiânia, 2019.

SIMIELLI, M. E. **Ápis Geografia (1º ano): Ensino Fundamental Anos Iniciais**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2017 (Coleção Ápis).